

PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS:

CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO

*Edivaldo M. Boaventura, Ph.D.
Professor da Universidade Federal da Bahia*

1. CRIAÇÃO E RESERVA DE TERRAS PARA IMPLANTAÇÃO DO PARQUE

A criação do Parque Estadual de Canudos integra-se no longo processo de absorção da Guerra de Canudos pela sociedade brasileira. Inúmeros foram os antecedentes e expedientes – como a declaração de reserva de terras –, para que se decretasse a sua fundação, pelo Decreto nº 33 333, de 30 de junho de 1986:

Art. 1º - Fica criado no Município de Canudos, o Parque Estadual de Canudos, estando a Secretaria de Educação e Cultura da Bahia, por intermédio da Autarquia Universidade do Estado da Bahia - UNEB - autorizada a adotar todas as providências necessárias à construção do Parque, inclusive delimitando a área respectiva, nos termos do Decreto n 33.193, de 27 de maio de 1986.

Art. 2º - No Parque, deverão funcionar Museu, Laboratório de Arqueologia, Estação Experimental de Agronomia, Estação Experimental de Meteorologia, Escolas Experimentais e outras instituições relacionadas

com a preservação da área, envolvendo os aspectos ecológicos, arqueológicos, científicos, históricos e educacionais.¹

Coube a Renato Ferraz,² estudioso dos sertões baianos, a sugestão para se criar o parque, em começos de 1985. Como cada dia mais avulta a importância histórica de Canudos, era preciso começar a preservação do sítio bélico.

Já na época em que edificamos o Parque Histórico Castro Alves, em 1971, bem assim, quando influímos junto às autoridades federais pela delimitação do Parque da Chapada Diamantina, que tínhamos em mente preservar os campos das lutas de Antônio Conselheiro, na região do semi-árido baiano.³

Considere-se, em primeiríssimo lugar, a copiosa literatura, liderada e iluminada pela obra do genial Euclides da Cunha. Muito a propósito, Oswaldo Galloti ponderou que o segredo de Euclides consistiu em buscar a síntese entre a linguagem científica e a linguagem literária. Outro aspecto que este euclidianista sublinhou foi a baianidade de Euclides. Filho de pai baiano, Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, do tronco dos Pimenta da Cunha, escreveu com calor e entusiasmo, dando expressão maior à guerra. No relacionamento autor e obra, existe o fato da campanha, com todas as suas adversidades e expedições, mas há a versão do escritor, com seu portentoso estilo. E é o estilo que pinta o que fica. A grande força da expressão grandiloquente de Euclides immortalizou a saga de Canudos. Tomemos em consideração Canudos, o fenômeno, e Euclides, a expressão, e coloquemos a seguinte pergunta: e se não fosse Euclides da Cunha, o que teria sido de Canudos?

Além de Os *Sertões*, que se encontra no começo de tudo que diz respeito a Canudos, leve-se em consideração o abandono e a depredação das áreas contíguas à represa do Cocorobó, que sepultou a vila messiânica.

Fora da área reservada por decreto estadual, há lugares altamente significativos, que integram o patrimônio cultural de Canudos. A sepultura do heróico coronel Tamarindo encontra-se, por exemplo, na serra do Angico. Objetos de dimensões e valor histórico estão dispersos. É o caso do canhão Withworth 32, mais conhecido como a "matadeira", do cruzeiro da submersa vila de Canudos e da escultura "Antônio Conselheiro", de Mário Cravo Júnior.

Além de livros, terras e materiais de guerra, farta e não explorada documentação guardam os arquivos militares da Bahia, Rio de Janeiro, Pará, São Paulo e Amazonas, especialmente das polícias militares que tomaram parte nos combates.

Tudo isso levou-se em conta para o projeto do parque, que alcança aspectos outros - arqueológicos, ecológicos e agrônômicos -, como unidade de conservação.

Uma das medidas necessárias para a implantação do parque foi a declaração de reserva das terras devolutas. Para tanto, o Instituto de Terras da Bahia (Interba) procedeu aos levantamentos viabilizadores das glebas, pertencentes ao próprio Estado. Assim, pelo Decreto nº 33.193, de 27 de maio de 1986: "Fica declarada reservada (...) a área de terras devolutas medindo, aproximadamente, 1.321 (um mil, trezentos e vinte e um) hectares, situada no município de Canudos, neste Estado, e descrita no memorial".⁴

A finalidade de reserva é para a implantação do parque histórico e arqueológico, promoção de pesquisas e estudos de tal natureza, em favor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Posteriormente, o Decreto nº 2.650, de 8 de agosto de 1986,⁵ dispôs também sobre a mesma matéria.

2. PARQUE E MUNICÍPIO

Em 1986, quando instituímos o parque, começava também a implantação do município de Canudos, com eleição e posse dos cargos para o Executivo e o Legislativo.

Realidade, a guerra pode ter acabado, Canudos não. As hostilidades concluíram-se de maneira cruenta. As casas todas arrasadas. Pouco a pouco, dos escombros, juntaram-se as pedras, na proporção que iam retornando os seus habitantes. E assim surgiu a segunda Canudos. Apareceram as estradas. O próprio presidente da República, Getúlio Vargas, a visitou e prometeu um açude, em fins da década de trinta. Não um açude, mas uma represa, fechou a passagem das águas do rio Vaza Barris, por volta de 1968. Com a sua construção, paulatinamente, a pequena e solitária vila foi se transplantando para Cocorobó.

Seguem-se as mudanças da vila e do distrito, administrativamente, entre os municípios de Monte Santo e Cumbe, que passou a se chamar Euclides da Cunha, com muita justiça, por volta do final dos anos trinta.

Tempos depois, inicia-se a campanha para dar a Canudos a condição de município. É a partir de 1979 que o problema da sua autonomia chega à Assembléia Legislativa da Bahia. Somente em 1985, pela Lei Estadual nº 4.404, de 25 de fevereiro, é criado o município de Canudos. Em 1980, tinha uma população residente de 8.709; em 1991, 13.749, com taxa de crescimento anual de 4,26%, bem acima da média da Bahia, que é de 2,04%.⁶

3. AS TRÊS CANUDOS

Houve, pelo visto, três Canudos. A primeira foi destruída, a segunda submergida e a terceira ergueu-se das águas.

A primeira, a Canudos de Antônio Conselheiro, o arraial do Belo Monte, foi totalmente destruída pela guerra. Dos seus alicerces, refez-se a segunda. É a Canudos ressuscitada, que perdurou até ser inundada. A primeira foi consumida pelo fogo. A segunda, sepultada pela água. Tentou-se com a represa o que a destruição não conseguira antes. Pondera o historiador Manoel Neto: "Quem sabe, sob as águas, a chaga se fechasse para sempre, e Canudos não passasse de frio registro da História".⁷

Temos atualmente a terceira Canudos, sede do município do mesmo nome, que emergiu nas margens do lago tranqüilo de Cocorobó. Brotou com mais força e mais energia, mais gente e mais esperança, pois Canudos tudo atrai, polariza e polemiza. Canudos centraliza os sertões. Por isso somos atraídos pelo arraial do Conselheiro. De certa maneira, sentimo-nos todos culpados pela tragédia sertaneja no interior da Bahia. É preciso ir a Canudos com espírito de penitência, como quem adere a uma romaria para reverenciar lugares sagrados.

Canudos - primeira, segunda e terceira - passou de simples arraial, de pequeno povoado, de minúscula vila e de deserto distrito, a cidade. A cidade de Canudos tem ruas, largos e avenidas bem lançadas, como a democrática praça do Povo. Sim, porque a praça é sempre do povo, segundo a ordem de Castro Alves.

E com a cidade emancipada criou-se o parque. Parque para preservar os campos de batalha. O parque é o coração de Canudos, que exige visita obrigatória. Parque que se abrirá em veredas e sendas para que o futuro possa construir o passado.

Do alto do Mário pode-se divisar a lâmina de água azul que cobre e recobre o invencível arraial, aquele que nunca se rendeu. Pois bem, se nos detivermos no alto do Mário, bem defronte do lago que afogou Canudos, podemos imaginar inundando-se a vila com todas as casinhas simples, sua igreja branca e seus mortos. Tudo e todos cobertos pela água. Canudos imersa como a catedral submersa de Claude Debussy, cujos sinos badalam lentamente à medida em que as águas descem e sobem. Do mesmo modo, ao entardecer, num estágio de clarividência, podemos também ouvir, sob o movimento ondular, quase imperceptível das águas, as intermitentes recordações.

O Parque de Canudos, assim, nos conduz a recompor os momentos decisivos daquelas lutas, na elevação da Favela, no morro do Cambaio, no riacho triste e seco das Umburanas, na passagem pelo Rosário, nos caminhos para Monte Santo e Jeremoabo.

A natureza áspera, testemunha muda do tempo beligerante, é quase a mesma. Agreste. Calcinada. Tórrida. A sua vegetação quicá coeva aos grandes combates, medra teimosamente por entre as fendas dos lagedos. E bem mais para trás do alto do Mário, para aumentar a nossa desolação, fica o vale da Morte.

Parque de Canudos, parque dos sertões euclidianistas da Bahia, companheiro do Parque de Cabaceiras do Paraguaçu, ambos preservam lugares sagrados. Um recolheu a glória de Castro Alves, para proporcionar educação a mais de seiscentas crianças. O outro, o de Canudos, ensina pelos fastos da guerra.⁸

4. SITUAÇÃO DO PARQUE

A demarcação preservou o local onde ocorreram os últimos confrontos entre as forças regulares do Exército e os partidários do Conselheiro.

Os 1.321 hectares de terras reservadas limitam-se ao norte com terrenos da Universidade Federal da Bahia, Centro de Pesquisas e Tratamento de Água. Não havendo acidente geográfico demarcatório, tomou-se a rede elétrica como referência. Ao sul, a área ocupa a margem direita do riacho das Umburanas, logo depois do alto da Favela. A margem leste do parque é a estrada Bendengó-Canudos, via que nasce em Feira de Santana, ultrapassa vários municípios e alcança as margens do rio São Francisco, em Barra do Tarrachil. Já para o oeste a linha divisória é a represa do Cocorobó.

O parque ocupa local onde relevantes eventos da guerra tiveram lugar e se encontra repleto de evidências arqueológicas. Ingressando pelo riacho das Umburanas, seu ponto culminante é o alto do Mário; por trás, localiza-se imensa vala comum onde foram enterrados muitos combatentes, provavelmente pela aproximação com o hospital. A faixa maior de argila permitiu que se cavasse a vala. Dada a depressão do terreno, chama-se, tragicamente, vale da Morte.

O alto do Mário dista do antigo arraial cerca de 1.200 metros. Há referências do assentamento dos canhões nessa elevação, o que permite estabelecer-se a distância com certa precisão. Entre o alto do Mário e o Belo Monte havia os alicerces da fazenda velha. No Alto do Mário, faleceu o coronel

Moreira César. Dando-se as costas para o cruzeiro tosco e solitário que encima o alto do Mário, vê-se em frente a lamina de água azul e serena que esconde a Canudos do Conselheiro.

Saindo-se em direção ao norte, alcança-se o alto do Trabubú, local onde após o combate de Cocorobó, a coluna comandada pelo general Savaget, vinda de Aracaju, manteve o derradeiro combate com as forças de Antônio Conselheiro, antes de fazer o enlace com as tropas do general Arthur Oscar.

Encontram-se fora do parque as serras de Cocorobó, Angico e Cambajo. Esta última recorda os combates da segunda expedição comandada pelo major Febrônio de Brito, é onde se localiza a lagoa de Sangue, denominação tomada pela lagoa do Cipó, depois das baixas.

5. FUNÇÃO EDUCATIVA

Assim situado o parque, o seu projeto, a cargo da Universidade do Estado da Bahia, vem contando com o apoio da comunidade, que participa da sua implantação. Tanto a administração municipal como a Universidade trabalham com o objetivo de realizar a sua construção. Uma das suas funções precípuas é a educativa. Além das escolas erguidas na sede, é preciso que se instale uma dentro do parque, assegurando-lhe condições efetivas de funcionamento e ocupação.

Como todo município novo, Canudos necessita de atenção especial por parte do Estado e da União. Convênio nesse sentido foi assinado com a Secretaria de Educação e a Prefeitura, em 1986, o que permitiu dotá-lo de escolas no total de doze salas de aula, e do Órgão Municipal de Educação (OME).

Em 1986, o comandante militar do Nordeste, general Fernando Cerqueira Lima, sobrinho-neto do grande poeta, inaugurou o marco comemorativo da instalação do parque, fazendo-se acompanhar de vários oficiais superiores. Igual apoio tem dado a VI Região Militar. Ainda em 1986, lá realizou uma ação comunitária e ação-documento, juntamente com a Secretaria de Educação e outros organismos públicos. No ano de 1991, colaborou efetivamente para a realização da Iª Semana Cultural de Canudos.

Canudos e Cabaceiras do Paraguaçu, como a cidade pedagógica de Caetitê e a cidade alpina de Maracás, são pontos históricos e de alto interesse cultural que vocacionam investimentos educacionais. Educação e cultura, como duas variáveis importantes do comportamento, devem estar sempre juntas.

O projeto de construção do parque leva-nos à consideração dos seus objetivos como unidade de conservação, no conjunto do sistema brasileiro de parques, atendendo-se não somente à história, como também às exigências da ecologia no semi-árido baiano.

6. A DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS DO PARQUE

A dimensão espacial dos parques deve ter a devida continuidade, pois, o Brasil, na multiplicidade de suas regiões e culturas, é um território vocacionado a ser pontilhado de parques. A experiência internacional demonstra que a conservação da natureza só efetiva-se com parques, a exemplo de Yellowstone; de igual modo, as áreas de interesse histórico-militar são preservadas com o estatuto público de proteção física, cultural e ambiental.

Os objetivos fundamentais previstos no regulamento geral de manejo de parques são: proteger e preservar unidades importantes ou sistemas completos de valores naturais ou culturais; proteger recursos genéticos; desenvolver a educação pública; fornecer oportunidades para a recreação; propiciar atividades de investigação e outras afins de índole científica e, acrescido, desenvolver o espírito cívico e educativo.

Ressaltem-se, entre outras, as atividades de investigação científica e educação ambiental, esta voltada para o reconhecimento e a classificação de valores, atitudes e conceitos concernentes aos relacionamentos do homem com o seu meio ambiente cultural e biológico, conforme a compreensão de Carter V. Good.⁹

Como reconheceram Maria Tereza Jorge Pádua e Ademar F. Coimbra Filho, são poucas as categorias de manejo de unidades de conservação: parques nacionais e reservas biológicas. Há necessidade de novos tipos com outros objetivos além destes dois. Os autores de *Os parques nacionais do Brasil*¹⁰ sugerem: monumentos nacionais, santuários de vida silvestre, rodovias-parques, rios cênicos e reservas de fauna.

A relação e a diversidade são bem mais numerosas, devendo incluir especificamente quanto ao segmento militar, parques militares, parques-campos de batalha ou campos e sítios de batalha. A classificação ficará mais rica pela inclusão de sítios históricos, parques históricos, como o Parque Histórico Castro Alves, no vale do Paraguaçu; o de Osório, no Rio Grande do Sul; o de Guararapes, no Recife, e o parque na serra da Barriga, em Alagoas; e também memoriais, parques-memoriais, áreas de recreação, margens de lagos e de rios, praias, estradas, caminhos cênicos, rios nacionais, reservas científicas, caminhos fluviais e outros, conforme a enumeração da *New Columbia Enciclopédia*.¹¹

Pádua e Coimbra Filho observaram, em 1979,¹² que parques e reservas plotadas concentravam-se na região sudeste do País. Enquanto o Estado do Rio de Janeiro possuía quatro parques nacionais – Tijuca, Itatiaia, Serra dos Órgãos e Bocaina – o Estado do Amazonas, o mais extenso do País, detinha apenas o Parque Nacional do Pico da Neblina. Na relação apresentada, a preservação visava apenas recursos naturais, como flora, fauna e paisagem. Não encontramos menção a proteção de caráter histórico-cultural na enumeração dos parques nacionais.

Há carência de informações sistemáticas sobre o número e tipo de parques históricos e de categorias culturais.

Informações mais recentes aumentam bastante o número de parques e diversificam um pouco mais as unidades de conservação. O País possuía, em 1992, 34 parques nacionais, 38 florestas nacionais, quinze áreas de proteção ambiental e quatro reservas extrativas, além de seis reservas ecológicas, que somam cerca de 38 milhões de hectares.¹³ E Álvaro de Oliveira d'Antona,¹⁴ em viagem filosófica pelos brasis afora, informa, comunica, descreve e vivencia dezanove parques nacionais não incluindo os do Pantanal e da Amazônia.

7. CANUDOS, UM PARQUE NO SEMI-ÁRIDO

Sob a inspiração histórico-militar, o Parque de Canudos deverá tomar uma dimensão ecológica, de acordo com o seu projeto. Dessa forma, a Universidade do Estado da Bahia, pelo seu Centro de Estudos Euclides da Cunha, encaminhou as pesquisas sobre Canudos e seu parque em três direções: primeiramente, reunião da documentação escrita, oral e visual, para que se resgate a memória histórica; em segundo lugar, elaboração de projetos sócio-econômicos com aplicação e participação da comunidade, para que o parque funcione como organismo vivo e atuante, em meio terrivelmente pobre; e em terceiro e último lugar, trabalhos foram realizados para a salvaguarda dos sítios históricos e arqueológicos, dedicando-se especial atenção para o turismo cultural.

Além destas linhas de pesquisa, pude observar, na Iª Semana Cultural de Canudos, realizada em 1991, outras abordagens sobre Canudos: conselheirista, euclidianista, histórico-militar e lampionóloga.

Perfeitamente concertado com a tradição euclidianista, José Calasans Brandão da Silva¹⁵ é o pioneiro dos pesquisadores que centraram suas investigações na figura do Conselheiro. Calasans voltou os seus estudos para

as fontes locais, entrevistando os últimos combatentes e visitando Canudos antes de ser inundada. A sua contribuição é considerável para a compreensão de Antônio Conselheiro, Canudos, Euclides da Cunha, enfim, tudo que diga respeito à civilização dos sertões.

Diferente da vertente de Calasans é a dos euclidianistas, principalmente do grupo de São José do Rio Pardo, em São Paulo. Representam este enfoque, dentre outros, Oswaldo Galotti e Adelino Brandão. Inclua-se também o euclidianista Umberto Peregrino.

Há um terceiro grupo que trabalha com Canudos do ponto de vista da história militar, a exemplo do saudoso José Augusto Vaz Sampaio Neto e do coronel Davis Ribeiro de Sena, dentre muitos outros.

Sem encarar Canudos de forma tão direta, mas, ocupando-se de um problema com nítidas características nordestinas, como o cangaço, são as investigações de Oleone Coelho Fontes, na Bahia, e Antônio Correia de Araújo, em São Paulo. Além dessas correntes, há outras, como os tradicionais estudos sobre o messianismo, de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Registre-se a publicação da reportagem do jornalista Odorico Tavares, *Canudos, cinqüenta anos depois*.¹⁶

Como o interesse das pesquisas sobre Canudos tem crescido bastante, impulsionadas pela Universidade do Estado da Bahia, diretamente ou por intermédio do seu Centro de Estudos Euclides da Cunha, novas publicações têm saído com freqüência, destacando-se: "Centenário do Bello Monte", número especial da *Revista da FAEEBA*¹⁷ e o *Memorial de Canudos*, de Trípoli F.B. Gaudenzi.¹⁸

Com a proximidade do centenário do término da guerra (1897-1997), novas atenções voltam-se para o local. Há todo um ciclo de comemorações nas semanas culturais programadas.

O parque está decretado, delimitado e visitado por muitos. A reserva legal de terras garante-lhe a existência, mesmo com o perigo dos posseiros e invasores de terras públicas. Falta-lhe plano de manejo, entretanto, é preciso acender os caminhos percorridos pelas expedições e pelos combatentes. De igual modo, deve-se assinalar os eventos com precisão e expressão. Há de um tudo para se fazer no parque, pois apenas o começo foi realizado.

É preciso caracterizá-lo como parque que se assenta sobre um campo de batalha. Há que se marcar as passagens mais importantes e as manobras mais conhecidas.

Em Canudos, muitos lutaram e pereceram; Canudos é também cemitério militar. Por tudo isso, Canudos merece o nosso respeito maior.¹⁹ Há qualquer coisa de sagrado, talvez pelo muito sangue lá derramado. Canudos não pode ser um município como os outros. Marcas o distinguem dos demais. É bem diferente pela sua história.

Há uma lição de história religiosa, social, militar e política permanente a recolher. Há campo aberto para mais investigações, que deverão ir, se possível, além da epopéia magnífica e grandiloqüente de Euclides.

Por ser um parque situado no semi-árido, Canudos dá ensanchas para que se conserve a fauna e a flora. Será o encontro da história com a ecologia. Um parque de caráter ao mesmo tempo ecológico e cultural voltado para a conservação da natureza e da história.

Um apelo: vamos edificar o Parque Estadual de Canudos com a Universidade do Estado da Bahia.

ANEXOS

Decreto n.º 33.193, de 27 de maio de 1986

Declara reservada área de terras devolutas que indica, para fins de implantação do Parque Histórico e Arqueológico de Canudos.

O Governador do Estado da Bahia, no uso de suas atribuições, com fundamento na alínea F, do artigo 3º, da Lei Estadual nº 3.038, de 10 de outubro de 1972, e no artigo 7º, do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 23.401, de 13 de abril de 1973, alterado pelo Decreto nº 25.109, de 24 de janeiro de 1976,

DECRETA:

Art. 1º - Fica declarada reservada, para os efeitos da alínea F, do artigo 3º, da Lei nº 3.038, de 10 de outubro de 1972, e no artigo 7º, do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 23.401, de 13 de abril de 1973, com as alterações do Decreto nº 25.109, de 24 de janeiro de 1976, a área de terras devolutas, medindo, aproximadamente, 1.321 (um mil trezentos e vinte e um) hectares, situada no Município de Canudos, neste Estado, e descrita no memorial a que se refere o Anexo Único deste Decreto.

Art. 2º - A finalidade da reserva é a implantação de Parque Histórico e

Arqueológico, e promoção de pesquisas e estudos de tal natureza.

Art. 3º - A reserva é em favor da Universidade do Estado da Bahia - UNEB -, observando-se os limites definidos no memorial descritivo constante do Anexo Único deste Decreto.

Art. 4º - O Instituto de Terras da Bahia - Interba - e a Procuradoria Geral do Estado - PGE - articular-se-ão para a execução das providências decorrentes deste Decreto.

Art. 5º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado da Bahia, em 27 de maio de 1986.

João Durval Carneiro - Governador
Fernando Cincurá de Andrade
Edivaldo Machado Boaventura

MEMORIAL DESCRITIVO DE UMA ÁREA DE TERRAS LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE CANUDOS, RESERVADA PELO ESTADO DA BAHIA PARA A UNEB- UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA

Teve início a poligonal medida no ponto E/O, localizado no lado esquerdo, canto superior da ponte sobre o riacho Umburana, localizada na estrada federal BR-235 Jeremoabo/Bendengó, distando aproximadamente 10km da sede municipal da cidade de Canudos. Deste ponto, margeando a referida estrada federal, com um azimute magnético de 117 17' e distância de 246,68m chega-se ao ponto E/1. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 114 37' e distância de 299,00m chega-se ao ponto E/2. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 87 37' e distância de 78,33m chega-se ao ponto E/3. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 76 32' e distância de 414,38m chega-se ao ponto E/4, passando-se antes pela entrada da antiga estrada de Canudos. Deste ponto, margeando a estrada com um azimute magnético de 96 14' e distância de 172,35m chega-se ao ponto E/5. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 132 04' e distância de 211,37m chega-se ao ponto E/6. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 135 09' e distância de 317,50m chega-se ao ponto E/7. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 97 51' e distância de 132,88m chega-se ao ponto E/8. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 78 07' e distância de 101,47m chega-se ao ponto E/9. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 63 17'

e distância de 605,07m chega-se ao ponto E/10. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute de 56 04' e distância de 204,00m chega-se ao ponto E/11. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 50 49' e distância de 452,22m chega-se ao ponto E/12. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 51 29' e distância 412,68m chega-se ao ponto E/13. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 51 30' e distância de 591,79m chega-se ao ponto E/14. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 50 14' e distância de 152,00m chega-se ao ponto E/15. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 52 50' e distância de 447,22m chega-se ao ponto E/16. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 69 24' e distância de 175,77m chega-se ao ponto E/17. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 87 31' e distância 579,16m chega-se ao ponto E/18. Deste ponto, margeando a estrada, com um azimute magnético de 89 27' e distância de 142,34m chega-se ao ponto E/19, cravado junto ao poste da linha de transmissão que se desloca para a área da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Deste ponto deixando-se a estrada federal BR-235, acompanhando a L.T. e em divisa com terrenos da UFBA., com um azimute magnético de 343 36' e distância de 76,91m chega-se ao ponto E/20. Deste ponto, acompanhando a L.T., na mesma divisa, com um azimute magnético de 334 31' e distância de 77,00m chega-se ao ponto E/21. Deste ponto, deixando-se a L.T., em divisa com terrenos da UFBA., com um azimute magnético de 317 31' e distância de 756,21m chega-se ao ponto E/30. Deste ponto, com um azimute magnético de 216 06' e distância de 253,70m chega-se ao ponto auxiliar P-7 cravado junto ao riacho da Rocinha. Deste ponto, com um azimute magnético aproximado de 273 45' e distância também aproximada de 180,00 m chega-se ao ponto inicial da linha que define os pontos de cota máxima da bacia de inundação do reservatório de Cocorobó, daí seguindo-se com rumos variados formando uma linha sinuosa até atingir o ponto E/180, localizado no lado oeste da área medida. Deste ponto, seguindo-se por caminhamento definido por ângulos e distâncias, divisando com o riacho da Umburana, por sua margem direita, com um azimute magnético de 227 12' e distância de 155,20m chega-se ao ponto E/181. Deste ponto, divisando com o riacho, com um azimute magnético de 232 32' e distância de 45,00m chega-se ao ponto E/182. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 232 06' e distância de 51,91m chega-se ao ponto E/183. Deste ponto, margeando o riacho com um azimute magnético de 183 14' e distância de 51,71m chega-se ao ponto E/184. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 195 36' e distância de 186,76m chega-se ao ponto E/185. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 196 37' e distância de 49,94m chega-se ao ponto E/186. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 139 54' e distância de 70,17m chega-se ao ponto E/187. Deste ponto, margeando o riacho com um azimute magnético

de 147 53' e distância de 57,00m chega-se ao ponto E/188. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 136 25' e distância de 102,00m chega-se ao ponto E/189. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 172 31' e distância de 66,72m chega-se ao ponto E/190. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 212 19' e distância de 31,81m chega-se ao ponto E/191. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 211 16' e distância de 46,93m chega-se ao ponto E/192. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 214 14' e distância de 44,76m chega-se ao ponto E/193. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 97 44' e distância de 136,00m chega-se ao ponto E/194. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 114 00' e distância de 152,00m chega-se ao ponto E/195. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 112 04' e distância de 133,60m chegamos ao ponto E/196. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 145 14' e distância de 126,80m chega-se ao ponto E/197. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 128 55' e distância de 106,60m chega-se ao ponto E/198. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 146 20' e distância de 155,00m chega-se ao ponto E/199. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 121 05' e distância de 131,00m chega-se ao ponto E/200. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 146 34' e distância de 266,99m chega-se ao ponto E/201. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 192 54' e distância de 106,00m chega-se ao ponto E/202. Deste ponto, margeando o riacho, com um azimute magnético de 186 16' e distância de 147,63m chega-se ao ponto E/0, início desta poligonal que engloba uma área aproximada de 1.321ha (um mil trezentos e vinte um hectares). Instituto de Terras da Bahia - Interba. Salvador, 22 de abril de 1986. Elder de Moraes Nascimento, Assessor - A.D.A.E.

Decreto n 33.333, de 30 de junho de 1986

Cria o Parque Estadual de Canudos, no Município de Canudos, Estado da Bahia, e dá outras providências.

O Governador do Estado da Bahia, no uso de suas atribuições,

RESOLVE:

Art. 1º - Fica criado no Município de Canudos, o Parque Estadual de Canudos, estando a Secretaria de Educação e Cultura da Bahia, por intermédio da Autarquia Universidade do Estado da Bahia - UNEB - autorizada a adotar todas as providências necessárias à construção do Parque, inclusive delimitando a área respectiva, nos termos do Decreto n 33.193, de 27 de maio de 1986.

Art. 2º - No Parque, deverão funcionar Museu, Laboratório de Arqueologia, Estação Experimental de Agronomia, Estação Experimental de Meteorologia, Escolas Experimentais e outras instituições relacionadas com a preservação da área, envolvendo os aspectos ecológicos, arqueológicos, científicos, históricos e educacionais.

Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado da Bahia, em 30 de junho de 1986.

João Durval Carneiro - Governador
Edivaldo Machado Boaventura

NOTAS:

- 1 *Diário Oficial do Estado da Bahia*, Salvador, 1 jul. 1986.
- 2 *Cartilha histórica de Canudos*, Salvador, Universidade do Estado da Bahia; Canudos, Prefeitura Municipal de Canudos, 1991.
- 3 Edivaldo Boaventura, *Parque Histórico Castro Alves*, Salvador, Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1985.
- 4 *Diário Oficial do Estado da Bahia*, Salvador, 28 e 29 jun. 1986.
- 5 *Diário Oficial do Estado da Bahia*, Salvador, 10 ago. 1986.
- 6 IBGE, *Censo demográfico 1991*, Rio de Janeiro, IBGE, 1992, p. 61.
- 7 Manoel Neto, CANUDOS - Lição em salas mal iluminadas, cad. cult. A TARDE, 5 OUT. 1991, p. 12.
- 8 Edivaldo Boaventura, "As três Canudos", *A Tarde*, Salvador, 23 nov. 1991, caderno "A Tarde Cultural", p. 7.
- 9 *Dictionary of Education*, New York, McGraw-Hill, 1973, p. 214.
- 10 Barcelona, Inst. de Cooperación Iberoamericana e Inst. de la Caza Fotográfica y Ciencia de la Naturaleza, 1979.
- 11 Verbete "National Parks and Monuments", 3ª ed., pp. 1.886-1.894.
- 12 Op. cit.
- 13 "Está em jogo a sobrevivência humana", *A Tarde*, Salvador, 17 maio 1992, cad. 2, p. 2. Na mesma página há uma entrevista de César Monteiro Pirajá, intitulada "Ibama busca tecnologia".
- 14 *Brais: viajando pelos parques nacionais*, 1994.
- 15 *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*, Salvador, Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1986 (publicação nº 122).
- 16 Salvador, Conselho Estadual de Cultura, Academia de Letras da Bahia e Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993.
- 17 *Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia*, Salvador. Ano 4, Número especial, 2. ed., 1995 1995.
- 18 GAUDENZI, Tipoli F. B. *Memorial de Canudos*. Salvador, Fundação

- Cultural do Estado da Bahia e Bahiatursa, 1993.
19 UNEB, Centro de Estudos Euclides da Cunha, *Arqueologia histórica de Canudos: estudos preliminares*, Salvador, UNEB, 1996.